

Apresentação

Esta décima quarta edição da revista Domínios de Lingu@gem contempla o tema “Linguagem escrita e linguagem falada”. Este número temático foi concebido tendo em vista os seguintes objetivos: a) explorar uma análise inovadora das características que tornam diferentes a modalidade natural da linguagem (a oralidade) e a mais antiga modalidade tecnológica da linguagem (a escrita); b) explorar as metodologias mais apropriadas para a análise da modalidade oral tradicionalmente analisada, transferindo-a (através das transcrições) para a modalidade escrita, o que, fatalmente, faz com que se percam as principais especificidades que organizam a estrutura da fala (em primeiro lugar a prosódia); c) apresentar pesquisas específicas que colocam comparativamente as duas modalidades ou que focalizam um problema específico de uma delas; d) explorar as consequências pragmáticas e linguísticas de outras modalidades tecnológicas (como telefone, cinema, televisão, chat, e-mail, skype, blog etc.) que não podem simplesmente e genericamente ser consideradas "uma mistura de fala e escrita", mas devem ser analisadas juxta propria principia, ou seja, identificando-se, através da observação empírica, as categorias apropriadas para analisá-las.

Tendo em vista esse tema, a revista oferece ao leitor, nesta edição, além de rico material escrito, a possibilidade de ter acesso ao som advindo de gravações que compõem dados de fala analisados nos artigos que a integram.

Este volume 7, número 2, é composto de 14 (quatorze) artigos e uma entrevista, os quais são oriundos de diferentes instituições brasileiras, o que evidencia a visibilidade da Revista Domínios de Lingu@gem.

No primeiro artigo, “Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas”, Tommaso Raso centra-se na comparação entre as modalidades escrita e falada da linguagem, procurando mostrar o quanto é profunda a diferença entre a fala e a escrita e como, devido à tradição e a carências metodológicas, a razão primordial dessa diferença é geralmente ocultada nos estudos linguísticos. Raso apresenta vários exemplos de contexto natural extraídos de *corpora*, a partir dos quais pontua algumas questões relacionadas ao estatuto da fala e da escrita, o que enriquece muito o texto. O autor defende que é necessária uma nova abordagem no campo da linguística, que contemple uma metodologia e categorias de análise adequadas à compreensão de como a fala

espontânea se estrutura. Defende, ainda, que não se deve analisar uma modalidade adotando-se categorias de outras modalidades. Para ele, cada modalidade deve ser analisada por si mesma, extraindo-se categorias dessa análise. Nesse sentido, Raso oferece propostas para uma abordagem empiricamente embasada para o estudo da fala.

Em “Ritmo da escrita e ritmo da fala: congruências e não congruências”, segundo artigo, Plínio Almeida Barbosa explora uma proposta para os ritmos da fala e da escrita apresentada por Pierre Sauvanet para caracterizar a experiência rítmica a partir de três balizas: periodicidade, estruturação e movimento. O autor procura identificar essas balizas a partir de exemplos considerados simples por ele e que demonstram a relevância de se conjugar os mecanismos de produção e de percepção da escrita e da fala para a compreensão do fenômeno rítmico. Barbosa conclui que as congruências entre os dois ritmos se concentram na equivalência de operação das três balizas enquanto a não congruência se limita à escolha da unidade mínima para a baliza da periodicidade, para além das diferenças de meio de manifestação da fala e da escrita.

No terceiro texto, intitulado “As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita”, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória faz uma análise comparativa das realizações dos verbos ter e haver em construções existenciais em dados de fala culta e na escrita acadêmica. A pesquisadora destaca que um dos efeitos colaterais das mudanças pelas quais o português brasileiro tem passado concernentes à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo é a utilização, em contextos existenciais, do verbo ter possessivo. Isso tem acarretado uma preferência pelo verbo ter e não por haver e existir, o que tende a favorecer o uso de construções existenciais com ter pessoal, na fala e na escrita.

Caio Mira, em “O turno conversacional em interações de sujeitos afásicos”, analisa um fragmento de um episódio conversacional de grupo de sujeitos afásicos e não afásicos, gravado em meio audiovisual e coletado durante encontros do Centro de Convivência de Afásicos, a fim de investigar alguns aspectos interativos e cognitivos dos fenômenos conversacionais envolvidos nas práticas dos sujeitos afásicos. As análises demonstram que o tipo e o nível de comprometimento linguístico acarretado pela afasia não impede que os sujeitos afásicos reconheçam e manipulem os turnos, participando da conversação.

O quinto artigo, de Bruno Rocha, “Metodologia empírica para o estudo de ilocuções do português brasileiro”, objetiva apresentar uma nova metodologia, de caráter empírico, ainda em desenvolvimento, para o estudo de ilocuções extraídas de *corpora* de fala espontânea. O autor apresenta as descrições prosódicas iniciais das ilocuções de Advertência, Oferta, Instrução e Ordem, faz uma caracterização pragmático-cognitiva da ilocução de Advertência e mostra que a ilocução e a atitude se realizam pela prosódia, de maneiras diferentes. Após exposição detalhada da metodologia proposta e dos resultados do estudo, Rocha salienta que ainda é necessário trabalhar melhor alguns aspectos da metodologia; em particular, a descrição de cada classe ilocucionária, a caracterização dos parâmetros pragmático-cognitivos e a descrição prosódica das atitudes.

“Informação, memória enformada pela escrita: um diálogo da história com a linguística sociocognitiva”, de autoria de Marcos Gonzalez, é o título do sexto artigo deste número temático. Gonzales intenta “estabelecer, a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Sociocognitiva, as estruturas da nova mentalidade instada pela economia noética de ‘objetos mentais que existem à parte do fluxo da fala’, tais como informação” (p. 150). O autor focaliza a concepção de que a produção da escrita é uma enformação das informações, o que significa colocar na fôrma a informação. Segundo ele, “as palavras escritas precisam ser enformadas para serem transmissíveis.” (p. 161)

No texto seguinte, “O diálogo do *bullying* escolar na interface semântico-pragmática”, Gislaíne Machado Jerônimo e Cláudia Strey analisam diálogos sobre *bullying* no ambiente escolar, com o intuito de investigar os processos inferenciais dialógicos semânticos e pragmáticos neles presentes, com base na Teoria das Implicaturas de Grice (1975) e no Modelo de Comunicação Ostensivo-Inferencial de Sperber & Wilson (1995/2012). Elas concluem que vários processos podem ocorrer ao mesmo tempo e argumentam que as duas teorias nas quais se basearam podem apresentar possíveis aplicações à descrição e análise dos mecanismos inferenciais presentes na linguagem natural.

Letícia Jovelina Storto e Paulo de Tarso Galembeck, em “Paráfrases em conversações digitais: marcas da oralidade em interações mediadas por computador”, oitavo artigo, perscrutam a ocorrência de paráfrase em conversações digitais diádicas entre amigos, as quais foram realizadas por meio do Windows Live Messenger (Messenger ou MSN). Os autores identificaram que a paráfrase é recorrente em conversas

digitais, nas quais desempenham diferentes funções, e que a autoparáfrase adjacente, autoiniciada, expansiva, com função concretizadora é predominante.

“As formas *cê(s)* e *você(s)* na fala espontânea do PB: uma análise baseada em corpora”, de Lúcia de Almeida Ferrari, é um texto centrado na exposição de uma proposta metodológica, considerada inovadora pela autora, para a análise do processo de cliticização do pronome reduzido *cê(s)* em relação às formas dissilábicas *ocê(s)* e *você(s)*. Os dados são retirados de um *corpus* de fala espontânea, C-ORAL-BRASIL, gravado em contexto natural. O estudo evidencia, por exemplo: a preferência por parte dos informantes pelo uso da forma *cê(s)* em posição pré-verbal e função de sujeito em relação às formas dissilábicas; a existência de casos da forma *cê(s)* em posição pós-verbal e com função de objeto preposicionado; e a forte probabilidade de que haja uma correlação entre duração e tonicidade/atonicidade e, por consequência, entre a duração e a posição/função, não necessariamente entre essas últimas e a forma segmental.

No décimo artigo, que tem como título “A linguagem falada e a linguagem escrita na afasia do sujeito RG”, Iva Ribeiro Cota e Nirvana Ferraz Santos Sampaio baseiam-se em dados de dezesseis meses de acompanhamento longitudinal de um sujeito que apresenta afasia como seqüela de um acidente vascular cerebral isquêmico, segundo diagnóstico médico. Elas pretendem avaliar a linguagem em funcionamento, atentando para as dificuldades do ponto de vista da neurolinguística discursiva. Nesse sentido, discutem os desafios e as possibilidades da linguagem falada e escrita na afasia. O estudo reafirma que a intervenção linguística eficaz colabora muito para a avaliação da linguagem dos sujeitos afásicos e que a fala e a escrita do sujeito afásico participante da pesquisa “sublinham enigmas que evidenciam um caminho aos acertos” (p. 254).

O texto “Estratégias sintáticas no português falado: construções adverbiais na conversação”, de Ana Lima, corresponde a uma síntese dos resultados de pesquisa sobre o funcionamento textual e discursivo das construções adverbiais no português brasileiro falado, mais especificamente na conversação face a face. Na pesquisa foram analisados inquéritos do arquivo sonoro do Projeto da Norma Linguística Urbana Culta – NURC. Considerando que é na interação que as motivações para o emprego das relações adverbiais surgem, a autora analisou essas motivações a partir de três perspectivas: a do falante; a do ouvinte; e a da interação mesma. Sob cada perspectiva, Lima identificou

propósitos diferentes para o uso das relações adverbiais, os quais não preexistem à interação, mas emergem do dinamismo da conversação e motivam certas construções.

“O caráter multifuncional dos marcadores conversacionais de opinião ‘Eu acho que’ e ‘I think’ na fala dos presidentes Lula e Obama” é o décimo segundo artigo desta edição. Nele, Vanessa Hagemeyer Burgo, Leticia Jovelina Storto e Paulo de Tarso Galembeck analisam o emprego multifuncional dos marcadores conversacionais “eu acho que”, em entrevistas concedidas pelo ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, e “I think”, em pronunciamentos do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. As análises demonstraram o uso recorrente desses marcadores de opinião, os quais desempenham, nos textos analisados, funções que se sobrepõem, a saber: prefaciadores de opinião e indicadores do grau de subjetividade discursiva.

O penúltimo texto deste número temático é de autoria de Maria Rodrigues de Oliveira. Em “A eliminação no discurso parlamentar: uma estratégia de retextualização”, Oliveira objetiva discutir eliminações utilizadas por retextualizadores na passagem de discursos parlamentares orais para a modalidade escrita, tendo em vista as implicações dessa prática para os sentidos do texto. Para isso, analisa um trecho de um discurso proferido na Câmara Municipal de Guarulhos, em 2005. A análise revelou a eliminação de vários elementos presentes no texto oral, tais como os pronomes egóticos, as hesitações, as repetições, os artigos e preposições. Revelou, ainda, que as eliminações influenciam nos sentidos do texto e comprometem o estilo do orador e, sendo assim, a autora argumenta em favor de se repensar o modo como os discursos parlamentares têm sido retextualizados.

Maryualê Malvessi Mittmann é autora do penúltimo artigo, cujo título é “Análise da estruturação de diálogos e monólogos na fala informal: quantificando as diferenças”. Nele, a autora investiga diferenças na estruturação de eventos comunicativos de tipo dialógico e monológico. Mittmann utiliza dados oriundos do *corpus* de referência para o português brasileiro falado informal: o C-ORAL-BRASIL. Ela analisa dois textos a partir do levantamento das frequências das unidades de referência próprias da modalidade falada. Os resultados mostram a presença de maior complexidade na estrutura das unidades de referências nos monólogos e menor complexidade nos diálogos como traço geral distintivo entre as tipologias. Também demonstram que as medidas de frequências das unidades de referência refletem as diferenças qualitativas entre monólogos e diálogos.

Letícia Pacheco Ribas, Diana Weber Bartz, Gabriela Rodrigues da Silva, Cecília Vieira Peruch, Kariny Zencke da Silva, Carolina Nunes Laux e Rafaela Soares Rech são autoras do último artigo. Elas tratam da consciência fonológica em um estudo com 24 crianças com desvios fonológicos e suas relações com o processamento da leitura e da escrita.

Nas últimas páginas deste número temático da revista Domínios de Lingu@gem, Tommaso Raso e Maryualê M. Mittmann apresentam a entrevista que fizeram com Emanuela Cresti e Massimo Moneglia – dois nomes importantes no campo dos estudos sobre a fala espontânea. Na entrevista, os pesquisadores abordam questões relevantes relacionadas à relação linguagem falada e à linguagem escrita. Assim sendo, a inclusão dessa entrevista no final deste número agrega-lhe valor inestimável e contribui sobremaneira para ampliar a discussão sobre o tema.

Encerro aqui a apresentação dos artigos, destacando que a reunião desses trabalhos cooperou para a produção de mais uma valiosa edição da revista. Eles ilustram diferentes possibilidades de investigação sobre a linguagem falada e a linguagem escrita assim como colocam em foco muitas lacunas a serem ainda preenchidas. Há, sem dúvida, muito a ser discutido e pesquisado e espero que os textos reunidos aqui motivem a produção de novos estudos sobre a temática em questão.

Para finalizar, agradeço o convite que me foi feito pelo diretor da revista, Prof. Dr. Guilherme Fromm, para editar, com ele, este número temático. Agradeço, ainda, a contribuição de todos os autores, do corpo editorial e dos pareceristas *ad hoc*, sem a qual esta décima quarta edição não teria sido produzida.

Profª. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni

Editora